

FAKE NEWS EM GRUPOS BOLSONARISTAS: A CONSTRUÇÃO DA CHINA COMO UMA AMEAÇA EXTERNA¹

Ana Tereza Lopes Marra de Sousa², Rafael Almeida Ferreira Abrão³, Vitor Hugo dos Santos⁴ e Brenda Neris Gajus⁵

Resumo: Em grupos de aplicativos de mensagens como o WhatsApp e o Telegram, a China se tornou alvo preferencial de teorias conspiratórias propagadas por apoiadores do governo de Jair Bolsonaro. Durante três meses, nos dedicamos a se inserir nestes grupos para coletar as mensagens propagadas por apoiadores da extrema direita a respeito de uma suposta ameaça que se materializa, por diversas vezes, na construção da China como uma ameaça externa. Buscamos analisar as principais teorias e ideias de extrema-direita que enquadram a China como inimiga nacional ou global e relacionar tais mensagens com o discurso político do governo brasileiro. Identificou-se a propagação de discurso de ódio e a criação de uma distopia sumarizada numa ameaça externa e autoritária imposta pela China – que nos estaria encaminhando para um futuro com privação de liberdade, aumento da desigualdade e desumanização. Conclui-se que a narrativa de ameaça externa inflama a base de apoiadores de Jair Bolsonaro e dissemina o medo de uma ameaça direta à vida e aos valores básicos da sociedade. Observa-se que a China foi utilizada como uma explicação fácil para os complexos problemas enfrentados pelo Brasil diante da crise econômica e da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: China; Jair Bolsonaro; Fake News.

¹ Os autores agradecem a todos/as os/as colegas que compõe o grupo de China do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil da UFABC (OPEB), âmbito no qual esse texto foi construído, em especial, a leitura inicial do texto feita pelo prof. Dr. Giorgio Romano Schutte (UFABC). Uma primeira versão reduzida deste texto foi publicada pelo Jornal Le Monde Diplomatique, em 27 de julho de 2021, sob o título “Como as fake news no Telegram pintam a China como inimigo”. A versão aqui apresentada aprofunda as discussões e a análise dos dados.

² Doutora em Relações Internacionais pelo Programa “San Tiago Dantas” (UNESP/UNICAMP/PUC-SP), professora adjunta do Bacharelado de Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFABC. Coordenadora do grupo de China do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil da UFABC (OPEB). E-mail: anateresa.marra@gmail.com

³ Doutorando em Economia Política Mundial pela Universidade Federal do ABC (UFABC), membro do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil da UFABC (OPEB), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pesquisador no International Institute for Asian Studies (IIAS-Leiden University). E-mail: ra.abrao@gmail.com.

⁴ Estudante de graduação no Bacharelado em Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e membro do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil da UFABC (OPEB). E-mail: vhsaints44@gmail.com

⁵ Estudante de graduação no Bacharelado em Ciências e Humanidades e no Bacharelado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e membro do Observatório de Política Externa e Inserção Internacional do Brasil da UFABC (OPEB). E-mail: brenda.gajus@gmail.com.

Abstract: In messaging apps such as WhatsApp and Telegram, China has become a prime target for conspiracy theories spread by supporters of Jair Bolsonaro's administration. For three months, we hid ourselves into these groups to collect messages spread by supporters of far-right movements about an alleged threat that materializes into the making of China as an external threat. We analyzed the main theories and ideas of these far-right movements that frame China as a national or global enemy. Also, we analyzed how such messages are aligned to the political speech of the Brazilian current government. We identified the spread of hate speech and the creation of a dystopia summarized in an external and authoritarian threat imposed by China - which would be leading us to a future with deprivation of liberty, increasing inequality, and dehumanization. We concluded that the external threat narrative inflames Bolsonaro's supporters and spreads the fear of a direct threat to life and the basic values of society. China was used as an easy explanation for the complex issues faced by Brazil in the economic crisis and the Covid-19 pandemic.

Keywords: China; Jair Bolsonaro; Fake News.

1. Introdução

No século XXI, na esteira do aumento do uso das redes sociais, a disseminação rápida e de quantidades avassaladoras de conteúdo *online*, muitas vezes distorcidos, errados ou mal apurados potencializou o fenômeno das *fake news*, a partir do qual se usa notícias falsas com o objetivo de influenciar e manipular a opinião pública ou grupos específicos sobre determinadas questões (MENDES et al, 2021; SCARABELLI, 2019). A literatura sobre o assunto tem apontado eventos como a eleição de Donald Trump nos EUA e a de Jair Bolsonaro no Brasil (SCARABELLI, 2019) e o combate a pandemia de Covid-19 (MENDES et al, 2021), dentre outros, como tendo sofrido impactos causados pelas *fake news*.

Especificamente no que diz respeito ao Brasil, já na vigência do governo Bolsonaro, tem havido problematização sobre o uso de *fake news* não só voltada a manipulação de questões domésticas como também internacionais. Discussões levantadas por Lafer (2020), Girardi (2020), Mendes et al (2021) e Silva (2021) destacam a influência das *fake news* na política externa brasileira e na criação de narrativas sobre países específicos visando influenciar a opinião pública. Neste trabalho, estamos interessados em compreender o tratamento que tem sido dado a China, um dos países mais afetados por *fake news* provenientes de grupos bolsonaristas.

Em grupos de apoiadores do governo de Jair Bolsonaro em redes sociais, a China se tornou alvo preferencial de teorias conspiratórias, incluindo desde a manipulação do vírus da Covid-19 como parte de uma guerra biológica e uma ameaça comunista global, ou mesmo em assuntos domésticos, em que se repercute negativamente supostas interferências do Partido Comunista Chinês (PCCh) na política brasileira e no Supremo Tribunal Federal (STF).

Destaca-se que a política externa brasileira, principalmente durante a gestão de Ernesto Araújo no Ministério das Relações Exteriores (MRE), foi caracterizada por um alinhamento substantivo com os EUA de Trump, fazendo com que as relações Brasil-China ficassem marcadas por contradições (SOUSA et al, 2020). De um lado, a China se consolidou como a principal parceira econômica do Brasil, tendo sido responsável em 2021 por cerca de 65% do superavit comercial brasileiro (BRASIL, 2022). Por outro, o país foi tratado com hostilidade em várias ocasiões, como quando Bolsonaro o culpou pela pandemia de Covid-19 e duvidou da eficácia de vacinas chinesas (SOUSA; RODRIGUES, 2021), ou colocou em questão o 5G oferecido pela empresa chinesa Huawei (SOUSA et al., 2021). Durante tais ocasiões, as *fake news* foram usadas como ferramenta bolsonarista para influenciar a opinião pública, colocando a China como uma ameaça.

Diante desse quadro, questionamos quais fatores são explicativos para o fenômeno: o que justifica a constituição da China como uma ameaça para o país? Para jogar luz a essa questão, durante três meses, de maio a julho de 2021, nos dedicamos à pesquisa empírica de nos inserir em grupos bolsonaristas no Telegram para analisar as mensagens propagadas por apoiadores da extrema direita a respeito de uma suposta ameaça que se materializa, por diversas vezes, na construção do inimigo em torno da China.

No passado recente, especialmente durante as eleições de 2018, o aplicativo de mensagens WhatsApp era o principal canal de disseminação de informações entre bolsonaristas. Após medidas para restringir a divulgação de informações falsas, ocorreu uma migração massiva dessas pessoas para o Telegram, motivo pelo qual foi a rede que escolhemos para a presente pesquisa. Os grupos do Telegram se tornaram o novo reduto das correntes de mensagens, em decorrência das poucas restrições colocadas ao compartilhamento em massa de informações. No WhatsApp os grupos são limitados a somente 256 participantes, o Telegram suporta grupos e canais com até 200 mil membros. Em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, Aline Osório, secretária-geral do Tribunal Superior Eleitoral, declarou que o Telegram é o grande desafio para as eleições de 2022 (GALF, 2021), já que a moderação de conteúdo é praticamente inexistente e o aplicativo não possui representantes legais no Brasil.

Foram monitorados 10 grupos de mensagens, sumarizados na tabela abaixo:

Tabela 1. Panorama dos grupos de mensagens analisados

Nome do grupo de mensagens	Nº de participantes (em 21 jul. 2021)
Fechados com Bolsonaro 2022	60754
Exército Bolsonaro	43299
Super Grupo B38 Oficial	34831
BR Política de Direita	10137
News Atual	7168
Foro Conservador	6163
Terra Brasil Notícias	5944
Bolsonaro 2022	4536
Pátria Amada Brasil	1382
Contra a censura	612

O monitoramento e análise das mensagens buscou identificar, fundamentalmente:

- i) As principais ideias de extrema-direita que enquadram a China como ameaça nacional ou global;

- ii) A frequência que essas mensagens aparecem e possíveis relações com o discurso político do governo brasileiro por meio da sistematização e registro de datas dos compartilhamentos;
- iii) O alinhamento das declarações do Presidente da República com as mensagens disseminadas em grupos de apoiadores.

A hipótese do trabalho, confirmada pela pesquisa, foi de que a construção da China como ameaça nos grupos do Telegram tem visado objetivos domésticos, mais do que externos: inflamar a base de apoiadores do presidente e disseminar o medo de uma ameaça direta à vida e aos valores básicos da sociedade. Observa-se que a China foi utilizada como uma explicação fácil para os complexos problemas enfrentados pelo Brasil diante da crise econômica e da pandemia de Covid-19.

O artigo foi dividido em 4 seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção, nos dedicamos a explicar os conceitos de *fake news* e como estas são utilizadas para mobilizar grupos para determinados fins. Na terceira, passamos à descrição e análise do conteúdo compartilhado nos grupos de mensagens que são objeto dessa pesquisa. Por fim, esboçamos algumas considerações finais a respeito dos compartilhamentos identificados.

2 O avanço das fake news

O termo *fake news* foi eleito em 2017 pelo dicionário Collins como a “Palavra do Ano”. As *fake news* ganharam forte popularidade dentro do debate público a partir das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, em decorrência da nova dinâmica de desinformações que se espelhavam pela internet e pelo seu uso exaustivo em discursos políticos, em especial pelo ex-presidente Donald Trump (BBC, 2017)

Tandoc, Lim e Ling (2017) afirmam que, por mais que o uso do termo tenha sido utilizado para representar diferentes formatos de mídia, a característica comum encontrada em suas análises é a tentativa de transmitir uma imagem de legitimidade e seriedade na exposição de informações falsas como fatos reais. As principais razões para a promoção de desinformações são interesses financeiros - elevados níveis de audiência para receber ganhos de patrocínio - ou ideológicos - descaracterizar a imagem de um agente ou atingir objetivos eleitorais. A definição dada por Zhang & Ghorbani (2020) mantém-se dentro desse escopo, reafirmando a intencionalidade dos criadores de conteúdo em enganar o público-alvo por razões especialmente políticas ou financeiras. Os

autores enfatizam ainda o papel da internet para a difusão dessas desinformações, especialmente o ambiente das redes sociais.

Segundo Shu et al. (2017), as redes sociais não impõem altos custos para a criação de novas contas, o que pode encorajar a presença de robôs sociais (ou *social bots*) e a existência de contas de pessoas mal-intencionadas (trolls). Ainda, a sua capacidade de fornecer informações personalizadas para cada indivíduo faz com que os usuários com opiniões semelhantes se unam com facilidade, fomentando um processo de polarização nas redes e de fácil promoção de notícias falsas, uma vez que são fabricadas levando-se em consideração a promoção de determinadas crenças que são verossímeis para grupos específicos.

A difusão de notícias falsas não é tão recente na realidade brasileira, no dia da votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, 3 em cada 5 notícias divulgadas eram falsas (SENRA, 2016). Jair Bolsonaro se beneficiou dessas atividades antes e após assumir a Presidência da República. Um levantamento realizado pelo Congresso em Foco, apontou que 104 das 123 *fake news* analisadas por agências de checagem beneficiaram o representante da extrema direita brasileira (MACEDO, 2018). Após a sua posse, a presença de *fake news* não cessou, a exposição de informações falsas sobre temáticas relacionadas às urnas eletrônicas, vacinas e outros temas relacionados pandemia de Covid-19 continuaram sendo feitas pelo presidente (ARBEX, 2021), a ponto de a Política Federal e Ministros do STF apontarem diretamente Bolsonaro como responsável pela disseminação de notícias falsas.

A partir da breve contextualização sobre o tema, este trabalho utilizará o termo *fake news* para se referir às peças de desinformação espalhadas especialmente em redes sociais, com o intuito de disseminar notícias falsas ou parcialmente falsas visando influenciar a opinião pública, no caso deste trabalho, no que diz respeito a China.

3 O retrato dos grupos bolsonaristas no Telegram

A partir do acompanhamento de grupos de mensagens bolsonaristas no Telegram, como exploraremos nos subtópicos abaixo, foi possível perceber que a China vem sendo constituída como uma ameaça para o Brasil a partir de *fake news*. Identificamos que o uso de notícias falsas associadas a essa construção abarcou temas como a pandemia de Covid-19 e as vacinas (seção 3.1), a relação entre a China e adversários políticos do presidente (seção 3.2), e dela com problemas econômicos vividos pelo Brasil e pelo mundo (seção 3.3), expressando-se forte xenofobia e

tentativa de diferenciação entre os países no campo dos valores (seção 3.4). No quadro da criação dessas fake news, frequentemente assuntos vigentes da conjuntura do mundo, como a pandemia, e das relações bilaterais, como o caso do 5G (no momento da pesquisa estava em negociação a participação ou não da Huawei no leilão do 5G nacional) foram acionados com o objetivo de construir uma imagem negativa da China.

3.1 A pandemia e as vacinas

Nos grupos do Telegram acompanhados nesta pesquisa propagaram-se, diariamente, diversas informações sobre as vacinas e a Covid-19, de um lado, visando desabonar o tratamento que a China deu a pandemia e, de outro, legitimar as ações do governo Bolsonaro – contrárias ao afastamento social, ao uso de máscaras e a vacinação obrigatória, e favoráveis ao uso da cloroquina – para lidar com o problema. Supostas proibições de pessoas não vacinadas de entrarem em locais públicos na China foram compartilhadas como uma opressão do PCCh. Tais regras foram chamadas, nos grupos, de “*apartheid da ditadura da nova ordem mundial chinesa*”, embora estivessem em consonância com aquilo que propunha a comunidade científica internacional como medida de combate à pandemia. Ao mesmo tempo, nos grupos foram propagados vídeos de cidades da China com alta circulação de pessoas, visando afirmar que medidas de distanciamento social não foram adotadas e que seriam ineficazes, não havendo necessidade da aplicação delas no Brasil, mesmo com a realidade da pandemia sendo completamente distinta em ambos os países.

A possibilidade de criação de um passaporte sanitário no Brasil e em outros países do mundo, com exigência de vacinação contra a Covid-19, foi descrita com palavras como holocausto, escravidão, apartheid e genocídio, cujo objetivo seria reduzir drasticamente o tamanho da população e instalar no Brasil uma ditadura de um conjunto de países (China, Cuba, Venezuela e Coreia do Norte). Assim, tentou-se criar uma associação direta entre a obrigatoriedade da vacina, a China e uma possível ditadura comunista no Brasil, verificando-se medo nos leitores das mensagens, contribuindo para a visão da China como uma ameaça.

Nas mensagens dos grupos aventou-se que chineses teriam, sobretudo, se preparado para lucrar com a pandemia por meio de uma guerra biológica, a partir de exportações de bens e da vacina - que teria sido fabricada antes mesmo da pandemia ter se iniciado. A ilustração 1, que circulou pelos grupos no Telegram, é representativa dessa ideia: a China teria criado a pandemia

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

para se beneficiar econômica e politicamente visando vencer a competição com outras potências internacionais que seriam suas concorrentes.

Ilustração 1. O Presidente da China, Xi Jinping, é associado à disseminação do vírus da Covid-19.



Fonte: *Fake News* retirada de grupo do Telegram

Encontramos nas mensagens, ainda, críticas à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia e tentativas de descredibilizá-la. Ganharam conotação negativa vídeos verídicos em que o presidente da Comissão, Omar Aziz, solicitava aos demais parlamentares para não citarem mais a China, para que as relações com o país não fossem estremecidas. Compartilhou-se ainda uma notícia falsa de que a China teria comprovado a eficácia da cloroquina no tratamento da Covid-19,

mas que o relator da CPI, Renan Calheiros, não iria convocar os chineses para dar depoimento à Comissão.

Conspirações sobre a origem em laboratório da Covid-19 ou do vazamento do vírus ao ser manipulado em um laboratório de Wuhan foram compartilhadas diariamente, inclusive as que já haviam, no momento da nossa pesquisa, sido averiguadas como falsas. Mensagens diziam que auditorias estavam sendo solicitadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e acompanhadas de perto pelo PCCh, que não teria intenções de cooperar com a investigação, mesmo após as missões da OMS terem descartado a possibilidade de o vírus ter escapado do laboratório (BBC BRASIL, 2021). Lembra-se que as relações sino-brasileiras passaram por tensões entre 2020 e 2021 tendo como um dos motivos, justamente, o tratamento hostil dado pelo Itamaraty e externado também por Bolsonaro nas relações bilaterais, como quando o presidente afirmou publicamente que a China era a culpada pela pandemia de Covid-19 (SOUSA et al, 2020).

Houve ainda constantes questionamentos à eficácia da CoronaVac, as mensagens indicavam que diversos países do mundo tinham desistido de utilizar o imunizante. Alegou-se falsamente que as altas em casos de Covid-19 estariam ocorrendo apenas nos países que utilizaram os imunizantes fabricados na China. Memora-se que Bolsonaro foi inicialmente contrário a utilização da vacina chinesa no Brasil e reproduziu diversas *fake news* para influenciar a opinião pública a favor de sua visão, como quando afirmou que a CoronaVac causava “morte, invalidez e anomalia” (SOUSA; RODRIGUES, 2021). Na rede Telegram, outras mensagens foram além:

(...) É um golpe mundial. Pessoas estão morrendo devido à “radiação eletromagnética mundial 5G amplificada (veneno)”. Os médicos na Rússia violaram a lei da Organização Mundial da Saúde (OMS), que “não autoriza autópsias (post mortem) em corpos de pessoas que morreram com o vírus da Covid-19” para descobrir cientificamente que não se pode presumir que seja um vírus, mas uma bactéria que causa a morte (...) (mensagem extraída de grupo do Telegram).

Segundo tal mensagem, Unidades de Terapia Intensiva (UTI) nunca foram necessárias. A China sabia que o vírus nunca existiu e que a radiação do 5G causaria a suposta bactéria, cujo intuito seria eliminar pessoas com baixa imunidade. A solução, segundo a mensagem, era a ingestão de remédios anti-inflamatórios, antibióticos e anticoagulantes, pois estes curariam a doença causada pela rede 5G. Outra notícia acusava o 5G de causar “*diversos problemas de saúde*”, especialmente danos mentais à população. Isso ocorreu em um momento em que o governo brasileiro discutia, sob pressão dos Estados Unidos, a possibilidade de barrar a participação da chinesa Huawei no leilão do 5G no Brasil (SOUSA et al., 2021), assim temas da conjuntura das relações bilaterais também foram mobilizados nas *fake news* para a constituição da China como uma ameaça ao país e, nesse

caso específico, como afirmam Sousa et al (2021) para legitimar ao público interno a tentativa da política externa bolsonarista de alinhamento com os EUA em tal questão (os EUA eram contrários a participação da Huawei no 5G do Brasil).

Palavras como apartheid, genocídio, nazi-fascismo, holocausto, escravidão e até mesmo negacionismo, associadas a China, foram utilizadas com frequência, mas foram descontextualizadas nos seus sentidos, para tratar as ações tomadas pelo governo durante a pandemia, como vemos na mensagem abaixo:

500 mil mortes por falta de tratamento precoce, 500 mil mortes por desvios do dinheiro da saúde, 500 mil mortes pelos erros da OMS, (...) 500 mil mortes porque China escondeu a doença. (...) 500 mil mortes por mentir que máscara protege, 500 mil mortes por um vírus criado em laboratório, 500 mil mortes o único culpado CHINA COMUNISTA... Se você sabe de tudo isso, finge demência e culpa o presidente Bolsonaro, então vc é um NEGACIONISTA (mensagem extraída de grupo do Telegram).

Percebe-se acima a tentativa de esvaziar palavras de ordem adotadas para caracterizar as políticas do governo federal – o “negacionismo” – e, alternativamente, apontar como negacionistas não aqueles que deixam de seguir as recomendações científicas para o combate a pandemia, mas os que se furtam a reconhecer a importância de um suposto tratamento precoce (descartado pela ciência), do uso de máscaras e a direta relação disso com a China. Igualmente, a classificação de ações de combate a pandemia (distanciamento social, máscaras e vacinação) como restritoras da liberdade, fascistas e nazistas em várias mensagens dos grupos bolsonaristas buscou confundir e descontextualizar conceitos que existem e são por muitas vezes associados à figura de Bolsonaro, como o fascismo.

3.2 Detratando os inimigos

Outro aspecto frequente nas *fake news* que envolveram a China nos grupos do Telegram foi a associação que se tentou fazer entre tal país e adversários políticos do presidente, a partir do qual tanto uma – a China – como os outros – os inimigos de Bolsonaro – foram reforçados mutuamente como uma ameaça ao governo e ao país.

Nesse sentido, notícias falsas envolvendo mensagens sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram constantes, compartilhou-se que ele estava sendo preparado pela China comunista para ser recolocado na presidência por meio de uma fraude eleitoral que transformaria o Brasil em uma colônia chinesa, com o objetivo principal de escravizar o povo brasileiro. Os

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

grupos bolsonaristas aventaram ainda que essa tem sido uma estratégia da China não apenas no Brasil, mas ao redor do mundo, e que o PCCh seria um partido escravagista e genocida.

Afirmou-se também que as eleições no Brasil estariam sendo fraudadas desde 1996, com o uso da urna eletrônica, e as liberdades reprimidas desde 1985, ano da redemocratização. O PT (Partido dos Trabalhadores) e Lula só teriam vencido as eleições por causa de tais fraudes relacionadas à urna eletrônica, cuja implantação no Brasil envolveria nomes diversos: Fernando Henrique Cardoso, Hugo Chávez e George Soros. Do plano para transformar o Brasil em colônia chinesa, fariam parte ainda os governadores e prefeitos – que no geral se colocaram contrários a política negacionista do governo federal no tratamento a pandemia –, mais especificamente João Doria (adversário político do presidente e governador do Estado de São Paulo, a partir do qual foram feitas as negociações para compra e produção da CoronaVac).

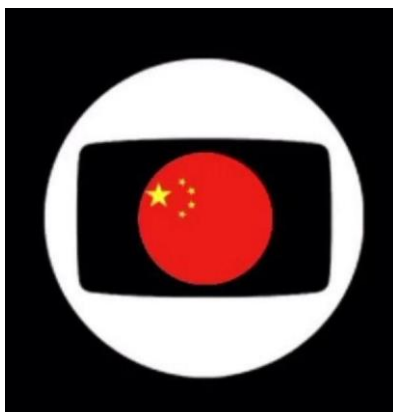
Lula também apareceu em mensagens compartilhadas com frequência muito alta que revelariam uma “bomba”. O Diretor da CIA teria entregado, em reunião com Bolsonaro, provas de que José Dirceu estaria articulando a compra de deputados e chantageando ministros do STF para não aprovar o voto auditável (neste caso, refere-se ao voto impresso) com dinheiro do China e a mando de Lula. Bolsonaro estaria com as provas em mãos, mas por ser muito esperto só iria utilizá-las no momento certo. Lula também foi criticado por supostamente elogiar a “ditadura chinesa” com frases como “Estado forte, Partido forte”. A “compra” de políticos brasileiros pela China apareceu como uma preocupação constante associada ao PT: apoiadores bolsonarista afirmaram que a China estaria financiando o partido e o “grupo terrorista” Foro de São Paulo para derrubar Bolsonaro.

O Grupo Parlamentar Brasil-China seria uma “bancada da China” no Congresso e uma ameaça à soberania nacional, enquanto o STF seria uma instituição cooptada pela China, sendo crucial interromper o seu funcionamento. Em outras mensagens, acusou-se a China de comprar, com o “mensalão chinês”, deputados, senadores, ministros do STF, promotores públicos e alguns generais (traidores de Bolsonaro), além de chantageá-los com vídeos que comprovariam o envolvimento deles em experiências sexuais “com crianças ou com homossexuais”. Lembra-se que tais acusações a congressistas ocorreu no contexto em que Ernesto Araújo, então Ministro das Relações Exteriores, havia deixado o cargo acusando senadores de defenderem o interesse chinês, no caso a participação da Huawei na rede de 5G do país, acima do nacional.

Ainda, estariam na lista de pagamentos dos chineses, veículos de comunicação que receberiam para fazer propaganda do PCCh no Brasil – são citados o Grupo Folha, a Editora

Globo e o jornal Correio Braziliense –, em uma narrativa em consonância com os constantes ataques de Bolsonaro a imprensa tradicional. A ilustração 2, na qual se coloca uma representação da bandeira da China no logo da Rede Globo, transmite essa ideia.

Ilustração 2. Veículos de comunicação são retratados como aliados do PCCh no plano de conquistar o Brasil.



Fonte: *Fake News* retirada de grupo do Telegram

De acordo com outra mensagem, Jair Bolsonaro estaria sendo extremamente atacado por ser inimigo do PCCh e de políticos corruptos, sendo necessário despertar a luta no povo brasileiro pela possibilidade de auditoria dos votos nas eleições. O pretexto de auditoria era utilizado para defesa do voto impresso.

3.3 Problemas econômicos

Outra associação realizada por meio das *fake news* presentes nos grupos de mensagem do Telegram foi entre a China e problemas econômicos enfrentados pelo Brasil e pelo mundo. Compartilhou-se que robôs chineses estariam tão avançados, que seriam capazes de interagir e criar laços com humanos, mas a preocupação central era que tais robôs teriam a finalidade de acabar com os empregos. Em outra mensagem, propagou-se que chineses estariam comprando terras no Brasil, como parte de uma estratégia geopolítica para garantir acesso à produção de alimentos e às “espetaculares riquezas” do território brasileiro. As mensagens se opunham à proposta de deputados brasileiros de flexibilização da propriedade da terra por estrangeiros. Destaca-se que essa narrativa veiculada nas *fake news* já havia sido acionada por Bolsonaro em diversos momentos, como

quando em falas públicas ele afirmou mais de uma vez que a China estaria “comprando o Brasil” (SOUSA et al, 2020).

Empresas de tecnologia também foram um tema recorrente, dado o cenário em que havia a discussão sobre a participação da Huawei no 5G nacional e preocupações com a segurança de dados que passariam pelas redes. Bolsonaro, por exemplo, sabia que a Apple está coletando dados de usuários de iPhone sob o comando do PCCh e os transformando em “escravos digitais”. O Facebook teria acordos com a China e com a União Soviética (extinta em 1991) para instalar um sistema de vigilância global. Em outra mensagem, as empresas chinesas Didi, Tencent e ByteDance foram colocadas como vítimas de ataques do PCCh, que teria entendido que a geopolítica global se concentrará na coleta de dados e estaria pressionando para que essas empresas cedessem aos seus interesses. Quanto aos pagamentos digitais, a criação de uma versão digital do yuan foi descrita como uma investida do PCCh para retirar o anonimato das criptomoedas, enfraquecer o dólar, legitimar o controle do Estado sobre a circulação econômica, e por fim, ao ser combinado com o 5G, se tornaria uma forma de dar curso de instaurar o comunismo em outros países.

No mês de julho de 2021, foram frequentes as tentativas de associar a China aos protestos políticos em Cuba. A China seria responsável por isolar o povo cubano de qualquer comunicação com o exterior, por meio da tecnologia 5G. Outra mensagem colocava que o sonho da China sempre foi conquistar as Américas, e que o exército brasileiro teria recebido informações sobre um plano venezuelano de invasão do Brasil, com apoio de China e Irã.

3.4 Sinofobia e diferenças no campo dos valores

Nos grupos, encontramos diversas mensagens xenófobas, ocorrendo tanto menções à Covid-19, ao “vírus chinês” (conforme ilustração 3) e ofensas aos chineses de maneira generalizada, como por exemplo:

Tem que proibir vôo vindo da china cúmunista do vírus CHINÊS, urgente essa Sub-raça de ratos de esgoto da CHINA genocidas são uma raça perigosa, do partido PCC CHINÊS sanguenários violentos do psicopata xi jINPING serial killer assassino em série (mensagem extraída de grupo do Telegram).

Ilustração 3. Bandeira da República Popular da China é alterada para associar o país ao “vírus chinês”.



Fonte: *Fake News* retirada de grupo do Telegram

Curiosamente, mensagens preconceituosas e de apologia ao fascismo, se misturaram com o compartilhamento de mensagens que criticavam a violação de direitos humanos na China. Segundo as mensagens, o PCCh prendia, torturava e executava opositores. Aplicativos da Bíblia e sites cristãos estariam sendo fechados. Jornalistas que questionavam o regime teriam desaparecido. Grupos “pró-LGBT” e organizações feministas seriam censurados. Um vídeo compartilhado nos grupos alardeou que os chineses estavam sendo *“mortos por seus órgãos, torturados em campos de trabalho forçado e perseguidos em todos os níveis da sociedade”*. E quanto ao meio ambiente? Até mesmo as mudanças climáticas viraram argumento contra o governo chinês: *“três quartos dos entrevistados (no Reino Unido) acreditam que a mudança climática é um problema especificamente capitalista, apesar de o maior poluidor do mundo ser a China comunista”*, afirmava uma das mensagens.

Além disso, propagou-se a notícia de que a China estaria tentando aumentar a masculinidade da sua população (KERRY, 2021), enquanto no Ocidente abrir-se-ia espaço para a agenda feminista, o que tornaria os homens ocidentais mais sensíveis e domesticados. O Brasil, neste caso, estaria completamente sem rumo, sendo o maior exemplo disso o país ter um governador assumidamente gay (em alusão à declaração do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, que se assumiu publicamente em 3 de julho de 2021).

Por fim, cabe destacar o discurso de Xi Jinping na comemoração de 100 anos do PCCh, que foi descrito nas mensagens como contendo diversos ataques ao Ocidente, com base na suposta declaração do presidente de que *“Qualquer um que se atrever a tentar terá suas cabeças esmagadas com sangue contra uma grande parede de aço forjada por mais de 1,4 bilhão de chineses”* (BEN, JIANG, 2021).

4 Considerações finais

Observamos que grupos bolsonaristas no Telegram difundem constantemente *fake news* envolvendo a China, visando construir uma imagem do país como inimigo do Brasil e, especialmente, do presidente Bolsonaro. Frequentemente temas da conjuntura – no caso, a pandemia de Covid-19, as vacinas, as discussões sobre o 5G, dentre outros – passam a ser tratados a partir de *fake news* com o propósito de (1) gerar medo nos leitores das mensagens; (2) criar a ideia de inimigo a ser enfrentando, neste caso, muitas vezes em um tipo de abstracionismo do “comunismo” e, particularmente, do PCCh; (3) confundir e descontextualizar conceitos que existem e são por muitas vezes associados à figura de Bolsonaro (como o fascismo); (4) esvaziar palavras de ordem adotadas pela esquerda ao caracterizar as políticas do governo federal (como o negacionismo), e; (5) detratar adversários políticos do presidente.

A distopia criada remete a uma ameaça externa e autoritária – que nos estaria encaminhando para um futuro com privação de liberdade, aumento da desigualdade e desumanização. Insere-se ainda o elemento de controle e vigilância social impostos supostamente pelas tecnologias, com destaque para a 5G, e pela vacina de Covid-19.

A partir da análise das mensagens, foi possível notar a forte presença do sentimento anti-China em grupos bolsonaristas, que além de ser fomentado por desavenças ideológicas e discurso de ódio, é alimentado por constantes notícias falsas vinculadas à nação asiática. Destaca-se que o contexto de hostilidade criado nas relações Brasil-China pelo governo Bolsonaro, de um lado, e o largo uso de *fake news* pelo presidente e seus apoiadores para temas diversos, de outro, constituíram um solo fértil que possibilitou o uso das notícias falsas para construção de uma imagem da China como ameaça ao país e ao governo. A China, assim, foi usada como uma explicação fácil para os complexos problemas enfrentados pelo Brasil diante da crise econômica e da pandemia de Covid-19. Ainda, a criação do inimigo em torno de um conceito abstrato como “o comunismo” e em relação ao PCCh serviu ao governo, pois inflamou a sua base de apoiadores e disseminou o medo de uma ameaça direta à vida e aos valores básicos da sociedade, ajudando a legitimar políticas defendidas por Bolsonaro (como a não necessidade de isolamento social e vacinação obrigatória, ou o voto impresso).

Referências bibliográficas

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

ARBEX, T. Bolsonaro vira alvo de inquérito no STF por ligar vacina contra Covid à Aids, *CNN Brasil*, 3 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-vira-alvo-de-inquerito-no-stf-por-ligar-vacina-contra-covid-a-aids/>>, acesso em 8 mar. 2022.

BBC BRASIL. Coronavírus: as conclusões da missão da OMS que investiga em Wuhan origem da covid-19. *BBC Brasil*, 9 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55994149>>, acesso em 8 mar. 2022.

BBC. What is 2017's word of the year? *BBC*, 2 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-41838386>>, acesso em: 08 mar. 2022.

BEN, W.; JIANG, S. Xi Jinping: Países que intimidarem a China encontrarão ‘grande muralha de aço’. *CNN Brasil*, 1 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/xi-jiping-paises-que-intimidarem-a-china-encontrarao-grande-muralha-de-aco/>>, acesso em 8 mar. 2022.

BRASIL. Comex Vis. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Informações gerais, 2022. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>>, acesso em 08 mar. 2022.

GALF, R. Telegram é um grande desafio para 2022 e estamos buscando contato, diz secretária-geral do TSE. *Folha de S. Paulo*, 13 jun. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/telegram-e-um-grande-desafio-para-2022-e-estamos-buscando-contato-diz-secretaria-geral-do-tse.shtml?origin=folha>>, acesso em 8 mar. 2022.

GIRARDI, Y. Notícias falsas podem afetar diretamente a política externa do Brasil e de outros países. *Jornal do Comércio*, 24 out. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/internacional/2020/10/762698-noticias-falsas-podem-afetar-diretamente-a-politica-externa-do-brasil-e-de-outros-paises.html> Acesso em 08 mar. 2022.

JORNAL NACIONAL. “Bolsonaro volta a insinuar que a China teria criado o coronavírus propositalmente. *Jornal Nacional*, 5 mai. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-teria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>> acesso em 8 mar. 2022.

KERRY, A. “China promotes education drive to make boys more 'manly'“. *BBC*, 4 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-china-55926248>>, acesso em 8 mar. 2022.

LAFER, C. Debate ao vivo “Fake news e política externa”. YouTube. *CEBRI*, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8XemZFXG2_o> Acesso em 08 mar. 2022.

MACEDO, I. Das 123 fake news encontradas por agências de checagem, 104 beneficiaram Bolsonaro. *Congresso em Foco*. [L.I], p. 0-0. 26 out. 18. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/das-123-fake-news-encontradas-por-agencias->

de-checagem-104-beneficiaram-bolsonaro/#1540506640310-535a5934-9024>, acesso em: 08 mar. 2022.

MENDES, A. G. L.; MILITÃO, P. A.; SIMÕES, R. M. O Fenômeno das Fake News: Implicações para a Política Externa do Governo Bolsonaro durante a Pandemia do COVID-19. *Revista NEIBA, Cadernos Argentina-Brasil*, Rio de Janeiro, vol. 10, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/59141/40802>>, acesso em 08 mar. 2022.

SCARABELLI, A C. P. How did Fake News Run Voters' Opinions in the Brazilian Elections? *Diggit Magazine*, 10 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.diggitmagazine.com/articles/fake-news-brazilian-elections>>, acesso em 8 mar. 2022.

SENRA, R. Na semana do impeachment, 3 das 5 notícias mais compartilhadas no Facebook são falsas. *BBC Brasil*, 17 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160417_noticias_falsas_redes_brasil_fd>, acesso em 8 mar. 2022.

SHU, K.; SLIVA, A.; WANG, S.; TANG, J.; LIU, H. Fake news detection on social media: A data mining perspective. *ACM SIGKDD Explorations Newsletter*, v. 19, n. 1, p. 22-36, 2017. <https://doi.org/10.48550/arXiv.1708.01967>

SILVA, F. B. *Foreign policy as fake news? Bolsonaro's electoral fearmongering campaign in Brazil (2018)*. M.A Thesis. University of Illinois at Urbana-Champaign, 2021. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/113078>> Acesso em 08 mar. 2022.

SOUSA, A.T. L. M.; BELASQUES, B.; CASTRO, B.; CARNEIRO, G.; ABRÃO, R. A. F.; SANTOS, V. H. Relações Brasil-China durante a pandemia: abalos no pragmatismo. In: AZZI, D; RODRIGUES, G; SOUSA, A.T. L. M. (Orgs). *A política externa de Bolsonaro na pandemia*. São Bernardo do Campo: OPEB/FES, 2020.

SOUSA, A. T. L. M.; RODRIGUES, G. M. Conflitos entre governos subnacionais e o governo federal durante a pandemia de COVID-19: o Estado de São Paulo e o caso da vacina CoronaVac. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, 10(19), 2021, 36–69. <https://doi.org/10.30612/rmufgd.v10i19.13335>

SOUSA, A. T. L. M.; ABRÃO, R. A. F.; SANTOS, V. H. Entre a subserviência e o pragmatismo: o Brasil perante o 5G. *Oikos – Revista de Economia Política Internacional da UFRJ*, Rio de Janeiro, Volume 20, n. 1, 2021, pgs 71-92. Disponível em: <<http://www.revistaoikos.org/seer/index.php/oikos/article/view/716/353>> Acesso em 08 mar. 2022.

TANDOC, E. C.; LIM, Z. W.; LING, R. Defining “Fake News”. *Digital Journalism*, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 137-153, 30 ago. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>.

ZHANG, X.; GHORBANI, A. A. An overview of online fake news: characterization, detection, and discussion. *Information Processing & Management*, [S.L.], v. 57, n. 2, p. 102025, mar. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ipm.2019.03.004>.